



## ENTREVISTA COM JOSÉ HILÁRIO FERREIRA SOBRINHO<sup>1</sup>

**Entrevistadora e transcrição:**

Juliana Magalhães Linhares<sup>2</sup>

**Hilário Ferreira Sobrinho** é formado em Ciências Sociais, com Mestrado em História Social (UFC). Atualmente é doutorando em História Social na Universidade Federal do Ceará. Autor de importantes obras como: ““Catirina, minha Nêga tão querendo te vendê. ”: escravidão, tráfico e negócios no Ceará do século XIX (1850-1881)” e “Abolição no Ceará: um novo olhar”. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8625955524144978>. E-mail: [hilario42@gmail.com](mailto:hilario42@gmail.com).

**Hilário Ferreira Sobrinho** holds a degree in Social Sciences and a Master's degree in Social History (UFC). He is currently a doctoral candidate in Social History at the Federal University of Ceará. He is the author of important works such as: ““Catirina, minha Nêga tão querendo te vendê. ”: escravidão, tráfico e negócios no Ceará do século XIX (1850-1881)” and “Abolição no Ceará: um novo olhar”. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8625955524144978> . Email: [hilario42@gmail.com](mailto:hilario42@gmail.com) .

### 1 Você pode compartilhar um pouco sobre sua trajetória pessoal? Infância, brincadeiras, juventude, escola...

Bom, eu nasci numa família negra, uma família onde o pai, homem negro, boêmio (tocador de violão), espirita umbandista, militante do Partido comunista, era funcionário público municipal - trabalhava na prefeitura de Fortaleza. Minha mãe, uma mulher negra, pernambucana, que veio com os pais e outro irmão, para o Juazeiro do norte, morar durante um tempo, lavou roupas para fora, mas acabou se tornando, com o tempo, uma dona de casa. Eu, Hilário Ferreira (ganhei esse nome [Hilário] por causa de um tio, irmão de meu pai, que ajudou muito minha mãe – por isso no final do

<sup>1</sup> Entrevista realizada virtualmente, no dia 30 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Historiadora, pesquisadora e docente do ensino superior. Doutora em História Social pela UFC, com pesquisa na área dos Mundos do Trabalho no Pós-abolição, com foco na área do trabalho doméstico, gênero e raça. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1341793282507886>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6976-8948> E - Mail: [julianalinhares05@gmail.com](mailto:julianalinhares05@gmail.com).

meu nome tenho o “Sobrinho”) sou o caçula dos homens, numa família de sete filhos. E a caçula da família toda, era minha irmã Edna – dois anos mais nova do que eu.

O interessante é que éramos uma família católica. Aparentemente muito católica, todos os filhos tem José no início do nome. E as mulheres, Maria. Porém, descubro depois, muito depois que meu pai incorporava. Lá em casa tinha uma coleção capa dura dos livros de Alan Kardec. Ao viajar para o Juazeiro, conversei com meus primos e soube coisas espirituais que não me eram ditas do lado da família da minha mãe. Minhas tias eram mulheres fortes e altas. Os dois homens morreram e as mulheres reinaram. Na minha família em geral, as mulheres são aquelas que movimentam o mundo. Isso ocorria com minhas irmãs. Enfim, percebi tendo contato com essas histórias, que o colonialismo tentou silenciar nossa ancestralidade. Só tentou. O caçula dos homens, filho da D. Maria, quebra essas amarras. Eu mais tarde abri a porta para ela voltar. E voltou.

Quanto a minha infância, no que diz respeito ao lazer, em época de férias brincava na rua e lembro que grande parte do tempo eu passava vendo TV, gostava muito de assistir TV, desenhos e filmes. Por estar muito em casa vendo TV, penso que isso me ajudou a aprender a ler, assistindo os programas. Adorava as séries da Hanna-Barbera, adorava aquelas séries: “Terra de Gigante”, “Perdidos nos Espaços”, “Túnel do tempo”, “Jornada nas estrelas” e “Viagem ao fundo do mar”.

Lá em casa não tinha televisão, como a maioria das famílias negras...não tínhamos tantas posses assim. Vivíamos no limite. Éramos pobres. Morávamos numa casa alugada, tinha comida (em outros não tínhamos almoço e sim a janta) e a água íamos as vezes numa vizinha tirar da cacimba, de uma bomba d’água ou na maioria das vezes comprar. Sim, comprar. Era uma prática que remonta o séc.XIX (lembro bem disso), toda semana um senhor negro (Seu Raimundo, ele vinha com os filhos na carroça) passava nas ruas do bairro da Piedade (Joaquim Távora) vendendo água, ouvíamos de longe ele gritando: olha a água!!! E era aquela correria para pegar as latas e já deixar próximo para facilitar a compra. Nas casas que não tinha cacimba, as pessoas o paravam e levavam vários baldes para encher e garantir que seus potes e filtros tivessem cheios. E a minha casa era uma dessas. Quase toda minha infância bebi água do pote.



**Figura 1:** Vendedor de água<sup>3</sup>

Então, voltando ao fato de assistir televisão. Lembro que, em minha casa e na maioria das casas não tinha TV, deste modo, eu e tantas outras crianças pobres, às vezes íamos disputar um lugar na janela da casa de uma vizinha que tinha. Foram anos nessa ação, que para nós, as vezes se tornava quase natural. Era uma situação humilhante. Ocorria ocasiões que as venezianas das janelas estavam fechadas e nós não podíamos assistir. E acabávamos sentando na calcada e/ou íamos pra casa.

Quando eu nasci, minha mãe dizia que eu trouxe sorte para casa. Uma jovem de uma família vizinha (duas casas depois da minha) ia sempre lá em casa e me levava para ficar com ela. Eu me afeiçoei a ela e ela a mim. Passei a ter duas famílias. Neste caso, racialmente, estamos falando de uma família branca. Ela realmente gostava de mim. Na verdade, ela e suas tias. Ambas as famílias se conheciam. E falo do lado da minha mãe. Tanto minha mãe, quanto essa família vinham de Juazeiro do Norte. E lá nossas famílias se conheciam.

Como já afirmei, éramos pobres e essa família que morava próximo, praticamente me adotou. Todas as vezes que essa jovem chegava do trabalho, na época, eu bem pequeno, ela sempre me levava para a casa dela, e eu acabei vivendo entre duas famílias. Ela acaba comprando uma televisão e, às vezes, eu ia assistir filme lá, quando não, naquela época, eu falo, início da década de 70, íamos para a janela, sentar no parapeito (cantinho) da janela, para assistir os filmes.

Depois que eu aprendo a ler, me dedicava a leitura de revistas em quadrinhos, eu lia muito, era fascinado pelo Homem-Aranha. Eu gostava tanto, que coloquei na minha cabeça que eu seria um cientista. Adorava essas revistas. Tinha toda a coleção das revistas do Homem-Aranha, isso possivelmente me influenciou mais à frente a ler, e a minha juventude, foi uma juventude muito

<sup>3</sup> Fonte da imagem: <https://martaiansen.blogspot.com/2014/10/aguadeiros-escravos-vendedores-de-agua.html>

comum para aquela época, no sentido de, durante as férias, a gente se juntava com os amigos da rua, e íamos brincar de jogar bola na rua, esconde-esconde, carimba, jogar peão, triângulo, pegava bolinhas de gude, que a gente chamava de bila, e fazia campeonatos. Essas eram as nossas brincadeiras.

### Minha vida escolar

Comecei minha vida escolar, no caso os primeiros anos, jardim e alfabetização, na escola Alba Frota, que existiu no Parque das Crianças. Depois fui enfrentar o 1º grau (hoje fundamental), na escola de 1º grau Visconde do Rio Branco e o 2º grau, no colégio Justiniano de Serpa.



**Figura 2:** Acervo pessoal do autor.

Legenda: “Minha turma do jardim na escola Alba Frota. Estou sentado a direita acima do grupo das meninas”.

Durante minha adolescência, a escola não me motivava - estamos falando de um período do regime militar - a educação não era muito chamativa e sedutora, era um decoreba muito grande. Isso não me interessava, não me cativava. Éramos obrigados, muitas vezes na escola, durante o sete de setembro a marchar na rua. E para isso dar certo, havia ensaios e tínhamos que durante dias específicos e horários, ensaiar na rua. Dando voltas em várias ruas marchando. Era algo obrigado. Nestes dias escolhidos. As vezes num sol escaldante.

Havia também, como prática para amarmos a pátria, todos os dias, antes da aula começar, os alunos ficavam no pátio em fila, todo mundo. E aí, tínhamos que cantar o hino de Fortaleza, o hino do Ceará, o hino nacional. Os banheiros eram lotados de alunos e alunas que não queriam repetir aquilo. Ficávamos escondidos, até que a direção descobriu.

E tem mais. As aulas de religião eram obrigatórias, eram chatíssimas, as aulas de história eram decoreba. O professor escrevia toda lição na lousa, fazia um questionário de 10 ou 20 questões e pedia para a gente responder. Então, isso não fazia se interessar pelos estudos. Eu não queria nada com estudo, repeti várias vezes de anos, só queria brincar. Todas as séries do 1º grau, eu repeti várias vezes (hoje se chama Fundamental). Houve série que repeti três vezes. Era uma educação que não me seduzia. Até que aconteceu algo na segunda vez que repeti a oitava série - eu já estava com uma idade já bem avançada. E o que aconteceu? eu sou chamado por um amigo, que estudava no Visconde do Rio Branco comigo (essa escola fica ali entre Padre Valdevino, Visconde Rio Branco e Aguanambi), a fazer parte do grupo de crisma, da Igreja da Piedade. Ele convida logo eu, que não queria nada sério naquele momento.

Como eu não levava nada a sério, só brincar, só curtir, eu fiquei todo sem jeito e por educação confirmei que iria, mas não fui. Esse evento acontecia nas dependências do colégio Salesiano que era ligado a paróquia da Piedade. Eu, morava quase em frente da Igreja da Piedade e o Colégio Salesiano. Deste modo, ao invés de ir para reunião da crisma, que acontecia aos sábados às 15hs. Eu acabava indo jogar bola (os salesianos abriam a quadra para a comunidade). No entanto, um dia, num sábado, esse amigo me viu jogando bola, e ficou parado do lado da quadra me olhando. Eu percebi ele me olhando, e aí fiquei envergonhado. Acabei indo no outro sábado, pra ver qual era.

Quando eu fui para essa reunião da crisma, fiquei impactado, vamos dizer assim, era uma reunião diferente, onde se discutia temas sociais, sob a luz do evangelho. Aquilo era algo novo pra mim. Fui apresentado um Jesus que estava vivo nas lutas do povo. Isso me encantou. Porque me encantou? porque os formadores não eram pessoas adultas, mas jovens como eu, e eu achei aquilo muito interessante, e comecei a ir. Neste momento, eu sou despertado para uma militância política, e neste momento, eu conheço a **teologia da libertação**<sup>4</sup>. A crisma termina, e fomos chamados para uma reunião. Todos que participaram, dessa reunião optaram, já que fomos convidados a montar um grupo e continuar o trabalho pastoral. Fomos convidados a participar de uma organização de jovens

<sup>4</sup> Grifos da entrevistadora.

que foi fundada em 1966 por um salesiano chamado Padre Genálio. Esse grupo se chamava Comunidade de Jovens Cristãos – CJC. A CJC existia somente na região Nordeste. E a cada dois anos havia um encontro regional.

Nós montamos um grupo, e eu passo a fazer parte desse grupo, ligado a CJC. Havia dois grupos que optaram ficar na CJC. O grupo da crisma da manhã e da tarde, no qual eu participei. Foram então formados a CJC – Domingos Sávio e o grupo que fiz parte, a CJC – Dom Bosco. Um ano e uns meses depois, ocorreu o sétimo congresso da CJC, que foi no Recife. Pra quem passou um ano nessas formações com jovens, cantando, discutindo, foi seduzido por toda aquela mística, e dois a três meses depois, participou do congresso no Recife, com mais outros jovens de todo o Nordeste, aquilo foi incrível e mexeu muito. Não só comigo, mas com todo mundo. Então, quando nós voltamos do Recife, a gente voltou decidido a montar, e a fazer um trabalho de base no bairro da piedade.

E aí, a gente começou a valorizar a leitura. Nós liamos muito. Lemos todos os grandes documentos da igreja, o de Medellín, o de Puebla. A gente lia e fazia discussões. Começamos a ler Leonardo Boff, Frei Betto, e a militância começou a crescer. E com o tempo, esse nosso trabalho foi crescendo dentro do bairro. Éramos jovens que tínhamos uma visão de igreja popular e de um cristo vivo entre os pobres. Acreditávamos nisso, pois era isso que aprendíamos ao ler os documentos da igreja. Nossa ação cresceu tanto no bairro que passamos a ser vistos como lideranças neste território.

Essa visão popular do evangelho ficou tão viva e vivida por nós que a gente começou a fazer um trabalho diferente. A gente começou a mexer com a cultura, iniciando com o teatro. Depois veio, a música, dança e poesia. Demos início ao centro juvenil da paróquia da piedade.

Nesta conjuntura dos primeiros anos da década de 80, do séc. XX, minha mãe me deu de presente de aniversário, um violão. Eu passava horas tentando aprender. Comprava aquelas revistas com letras de músicas cifradas. Não via a hora da aula terminar para chegar em casa, tomar banho e almoçar, depois correr para pegar o violão. Isso era todos os dias. Não demorou muito para que outros amigos do grupo de jovens, que estavam na mesma situação que eu (com um violão) aparecesse lá por casa.

De frente a minha casa, havia uma calçada alta, ligada a parede de uma casa que na rua que cortava a rua que morava. Era mais ou menos uns 15 metros de calçada. Lá todo final de tarde, nossas mães e os adultos iam para lá sentar para conversar, fofocar, rir, observar seus filhos

brincando e descansar. Esse espaço era chamado e conhecido por todos e todas como “calçadinha”. Quando alguém dizia, vamos lá para calçadinha conversar, já se sabia onde ficava.

Então, a calçadinha ficava de frente de minha casa e meus amigos geralmente iam para lá a partir das 15hs (o sol estava começando a esfriar – ela ficava do lado oposto ao sol da tarde). Ali, começou a se encontrar umas 3 pessoas que iam para trocar experiências de canções, notas e acordes. Com o tempo, de um número de 3, aumentou para quase 10. O movimento cresceu. E não dava para conversar e cantar um ao lado do outro (falo umas 10 pessoas). As vezes uns sentavam no chão, mas sujava a roupa. Era chão de areia – não tinham asfaltado a rua. E aí, os meninos arranjaram jeito. Um dia passando por uma rua, viram um tronco de árvore, que uns trabalhadores derrubaram. Falaram com o pessoal e pedira aquele tronco. Os trabalhadores liberaram. Eles foram empurrando esse tronco até a calçada de frente da minha casa. Limparam o tronco e resolvido o problema. Agora um grupo se sentava de frente um para o outro. E tome músicas, trocas de notas, acorde e tudo mais, essa brincadeirinha começava às três da tarde e se estendia até uma hora da manhã. Isso, quase todos os dias. As vezes éramos interrompidos pela chegada da polícia (estamos falando ainda do regime militar – 1984 e 1985) que pedia os documentos de todos que estavam lá. Se não tivesse era colocado no camburão e levado. Então, nossa estratégia era, enquanto o grupo tocava, um ficava na esquina e quando a rádio patrulha era avistada, dava um sinal: os homens. E todos nós corríamos para se esconder. E nos escondíamos nos jardins dos vizinhos. Pulávamos o muro e ficávamos lá até eles passarem.

É vivendo essa aventura e tendo essa experiência que a gente começou a mexer com música (passamos a criar nossas músicas e poemas), entre nós havia pessoas que começaram a mexer com teatro, outros começaram a se identificar com dança. Deixando a modéstia de lado, nós éramos muito bons no que fazíamos. Isto chamou a atenção de alguns padres salesianos liberais. Resolveram investir naquela juventude. Era o que o documento de Puebla (1979) sugeria: *uma "opção preferencial pelos jovens", junto com os pobres, para a evangelização na América Latina.*

Assim sendo, os padres salesianos, viram aquela juventude se articulando, estudando e perceberam o potencial deles e nos fizeram um desafio: nos dariam a serraria, que existia no colégio e que não mais usavam pois falira.

Nós aceitamos. A serraria estava toda suja. Passamos 3 meses para limpar, lavar e pintar. Foi um trabalho enorme. Uns 15 jovens estiveram à frente dessa empreitada. Mas, conseguimos. A serraria era dividida em 3 grandes espaços. O quarto era a entrada, que transformamos em escritório.

Criamos então o Centro Juvenil da Piedade – CJP. Num dos espaços criamos um teatro. Nos outros dois eram espaços para reuniões, jogos e atividade com a juventude da comunidade.

Desta experiência saiu muito gente boa. Quem ficou responsável pelo teatro foi o Rinaldo, que hoje é muito conhecido em Fortaleza como Carri Costa. Até hoje trabalha com teatro, se não me falha a memória é o criador do teatro da praia. Desse grupo também saíram vários professores: dois são professores do curso de História da UECE, Érick Assis e Marco Aurélio. O que foi rico é que cada um encontrou sua área de atuação: um foi para Filosofia, eu fui para Ciências Sociais, outros para História, Geografia, Serviço Social, Letras. Outros, não seguiram a vida acadêmica e resolveram ser cabelereiro, garçom, ser funcionário público municipal e outro federal e outras atividades.

No meu caso, entrei no curso de ciências sociais em 1987.2. E foi uma entrada estrategicamente pensada, já que o processo na época de entrar na universidade era única e exclusivamente pelo vestibular. O vestibular se apresentava como um grande empecilho de entrada na universidade para os alunos de escola pública e negros. Minha paixão na época era filosofia. Queria ter entrado na Uece. Mas, fui reprovado de primeira. Então, como tinha me inscrito nas duas, restava agora a UFC. Nesta universidade me inscrevi no curso de Letras: eram 85 vagas. Pensei: não é possível que não entre, só tenho que acertar uma questão de cada prova. Fico em 37º lugar. Entrei.

Faço as disciplinas básicas e quando termina estas, soube que havia 2 vagas para mudança de curso para as Ciências Sociais. Imediatamente coloquei meu nome. Fui aprovado. A sociologia tinha sido minha segunda paixão depois de ler o livro “Sociologia Crítica” do Pedrinho A. Guareschi.

Então, toda essa minha formação inicial, ela se dá, do ponto de vista político e do saber, com esse trabalho dentro da igreja.

A consciência negra, no caso aqui, me refiro a minha consciência negra, ela nasce a partir de um conflito, que vou viver com esses meus amigos. Com os meus amigos de debate político e de luta.

Como falei, com a chegada do Rinaldo (Carri Costa, como é conhecido hoje) de volta a Fortaleza – já que tentou seminário no Recife e viu que não era seu lugar (algo normal). Abandona a opção de vida eclesiástica e volta para Fortaleza. Aqui, ele resolve entrar num outro grupo dos Salesianos: o Oratório. Que, pela existência de vários grupos de jovens está dentro de uma



organização que congrega todos os grupos que se chama: Pastoral de Juventude da Paróquia da Piedade / PJPP.

Essa pastoral era formada por vários grupos. Só nós da CJC, éramos 3: CJC Dom Bosco, Domingo Sávio e antigo, CJC Piedade, fundado em 1967. Havia o também, grupo do oratório que era ligado ao Salesiano local, um grupo criado por Dom Bosco.

Rinaldo / Carri Costa, fica responsável pelas atividades ligadas ao teatro. A partir deste momento começam as peças. Uma produção específica passa a fazer parte do calendário das produções do teatro da piedade: a Paixão de Cristo. É aceitando um convite de participar dessa peça que sofro o racismo que me despertou para a consciência negra.

Como tudo começou? Sou chamado a participar da peça Paixão de Cristo. Após o convite, fiquei meio receoso. E a razão se encontrava no fato de como todo negro daquela época (e estou referindo dos anos 80), nunca tinha visto nos filmes até aquele momento, que tratava da Paixão de Cristo, a presença de negros. Além do mais, fui chamado para ser Barrabás. Relutei demais, mas só comigo. Esse incomodo é que nunca tinha visto algum filme ligado a esse tema que tivesse negros. Isso estava me incomodando. Mas, acabei aceitando, pois os meus amigos insistiram tanto...e sempre eles diziam: vamos, a gente brinca muito...os ensaios é super engraçado!!! E acabei cedendo.

No dia que a peça estreou, foi apresentada no teatro do galpão (que fizemos). E como disse, o Rinaldo ficou responsável pela parte de teatro. Então, em toda semana santa havia essa peça. Já era tradição. As pessoas do bairro depois da última missa, durante os dias que duravam essa semana, iam para o teatro assistir a “Paixão de Cristo”.

Enfim, começa a peça e eu entro na cena em que Pilatos pede trazer Barrabás, pois durante o julgamento de Jesus, Pilatos reconheceu que não havia crime para condená-lo, mas a pressão da multidão e das autoridades judaicas o forçou a decidir entre soltar Jesus ou Barrabás. E é nesse momento que eu entro. Quando eu entro, a plateia começa a rir e muito. Mas, eu fico firme e começa vir da plateia, aquelas piadinhas de quem estava assistindo. Mas, continuei firme. Pensava, era um povo alienado, tudo bem. Terminou a peça. E o problema vem à tona.

Quando termina a peça e estamos nos trocando, se arrumando e tal, para sair, os meus amigos que discutiam política comigo, que debatiam as contradições da realidade brasileira comigo, começaram a reproduzir as mesmas piadas que o pessoal da plateia. Aquilo foi a gota que transbordou o copo que já estava cheio desde a apresentação. Então, nesse momento, uma raiva me toma e eu dou um murro na porta e começo a gritar, exigindo respeito. Que eu não aceitava aquilo,

que entendia a plateia, pois a considerava uma plateia desinformada. Mas eles não, eles tinham consciência, eles debatiam comigo, tinham uma formação, então reproduzir esse tipo de coisa para mim era inadmissível, e tudo isso aos gritos. E saio, chutando tudo a minha frente e não fecho a porta...eu bato a porta.

Acordo no outro dia, dormia naquelas bicamas. Meu irmão embaixo e eu dormia em cima. Acordei leve. Eu acho que flutuei, não desço, eu pulo, era como se estivesse voando. Hoje eu analiso aquele momento, como se eu tivesse tirado toda uma carga de silêncio sobre o racismo que vivi e que existia em mim. E naquele ato de raiva e rebeldia, onde eu gritava, isso saiu. Eu era uma outra pessoa.

A partir daquele episódio eu comecei a me interessar pela questão racial. A gente primava muito pela formação, então vivíamos fazendo cursos, e num dado momento desse ano que aconteceu esse fato, a gente realizou uma formação de 3 dias e chamamos o historiador Eduardo Hoornaert<sup>5</sup> para estar à frente, o tema: Consciência crítica.

Essa formação foi realizada no auditório do Colégio Doroteias (hoje UniNassau). Nas abordagens do prof. Eduardo, num dado momento, ele fala que dentro da consciência crítica existia um tipo de consciência que seria: a Consciência Negra. Meus olhos brilharam, pois, aquilo me interessou. Depois que terminou aquela aula, fui falar com ele. O mesmo já conhecia o movimento negro. Então, me passou o contato da Lúcia Simão e liguei para ela. Conversamos e sou convidado para participar das reuniões do grupo de União de Consciência Negra. Era 1984, aqui começa a minha chegada ao movimento negro cearense. O Grupo de União de Consciência Negra do Ceará, é criado pela Lúcia Simão em 13 de junho de 1982.

## **2 Quais foram suas experiências ou eventos que mais impactaram sua compreensão da questão racial?**

Bom, experiências ou eventos que impactaram na minha percepção sobre a questão racial. Vejamos, uma delas, está me marcou, pois era um jovem negro que começava a construir sua

<sup>5</sup> EDUARDO HOORNAERT nasceu na Bélgica em 1930 e vive desde 1958 no Brasil. Formado em Línguas Clássicas e História Antiga pela Universidade de Lovaina (Bélgica), ensinou durante trinta anos História do Cristianismo em Institutos Teológicos Católicos: João Pessoa, Recife, Fortaleza. Entre 1993 e 1995 foi Professor na Universidade Federal da Bahia. Entre 1964 e 1980, no tempo em que Dom Helder Câmara era Arcebispo de Recife, assumiu uma paróquia na periferia da cidade. Nesse período aproximou-se da Teologia da Libertação, foi co-fundador (1973) do Centro de Estudos da História da Igreja latino-americana (CEHILA) e escreveu aproximadamente trinta livros sobre a História do Cristianismo no Brasil e na América Latina, na perspectiva das populações indígenas e africanas. Desde 1984 está engajado em estudar as origens do Cristianismo.

identidade racial. Uma experiência forte. E este acontecimento, ocorreu em 1985, se não me falha memória. Eu estudava no colégio Justiniano de Serpa, fui mandado para lá para terminar o segundo grau, hoje é chamado ensino médio. Estava no segundo ano do segundo grau e a aula naquele dia e momento seria da disciplina moral e cívica. O professor entra na sala, se chamava Paulo...era Paulo e um outro nome, mas não lembro o restante. Tudo isso ocorre no primeiro dia de aula, viu? ele chega, todo formal, vestido de terno e gravata. Logo, percebi que ele tinha um habitó que foi me deixando incomodado. Ele fazia perguntas para um aluno ou aluna e aquele que não conseguia responder, o mesmo soltava piadas. Fazia com que a sala risse daqueles alunos que erravam. Formado politicamente num ambiente que trabalhava a educação popular, na linha de Paulo Freire, aquilo me incomodava muito. Os alunos e alunas que eram ridicularizados ficam constrangidos. E se pensávamos que as coisas não podiam piorar, acreditem, pioraram. Entra na sala, um aluno do Grêmio. Pede licença para dar um aviso. Era um aluno negro e deficiente. Um presente para aquele professor arrogante e racista. Quando o aluno chega para dar um aviso. E o aviso era convocando os alunos para um ato dos estudantes na Praça José de Alencar. Enquanto o menino falava, ele atrás do mesmo, fazia gestos como se o menino estivesse fedendo, segurava o nariz e a sala rindo. E já era um período que militava no movimento negro no GRUCON.

Ele enquanto o jovem falava continuava com aqueles gestos ridículos, dando a entender que o rapaz estava com mau cheiro. A sala rindo e o rapaz falando já constrangido. Ele termina de dar o aviso e sai. Parece que ele sentia prazer, mesmo o rapaz ausente, continua tirando onda do jovem e a sala rindo e eu sério. E quando todo mundo parou de rir...resolvo levantar a mão e pergunto a ele, se conhecia Paulo Freire? Eu ia questionar o processo de educação dele. Aí ele tentando ser gaiato solta uma piada que não tinha nada a ver, tipo assim, é aquele do Boteco ao Lado? Aí eu disse, não, Paulo Freire é um educador brasileiro e fui falando. Quando eu faço isso, todo mundo da sala ri, só que agora estão rindo dele e ele não gostou. De repente ficou sério, deu uma volta na mesa e veio na minha direção. Ele vem em na minha direção e aí, pasmem, tira do bolso do paletó uma bala de revólver. E continua vindo em minha direção, agora vem jogando a bala pra cima com a mão e segurando. E quando chega na minha mesa fala olhando pra mim: *você sabia que o cérebro de um negro é menor que o cérebro de um branco?* Não precisa dizer que nesse momento o silêncio reinava na sala. Na sala ficou aquele climão, todo mundo parou. As pessoas não acreditavam que aquilo estava acontecendo. Eu olhei para ele e disse: *não, pra mim os cérebros de um negro e os cérebros de um branco são do mesmo tamanho porque todos nós fazemos parte da raça humana.* Aí ele se

vira pra mim e diz: *vamos fazer o seguinte, eu tenho vários livros lá em casa.* E com a bala na mão, viu. *Se você provar essa sua teoria, você me mata. Se eu provar a minha teoria de que o cérebro de um negro é menor do que o cérebro de um branco, eu mato você.*

Nesse momento, a letargia que tomava a sala foi embora. Os alunos começam a se mexerem e apartaram aquela situação. Ele gritando comigo, mandando eu sair de sala, eu disse, eu não saio, não vou sair. E aí ele com raiva saiu e foi chamar o diretor. O diretor chega, me chama, eu disse que eu não ia sair, mas ele me chama, me leva para um canto e começa a conversar comigo. Pediu que eu tivesse paciência com ele, porque fazia uma semana que ele tinha saído de um hospital psiquiátrico. Neste momento eu olhei para o diretor com um olhar sério. O diretor me leva pra sala, o louco estava chateado, agora a conversa era com ele e resultado, me aceitou na aula. No entanto, quando a aula terminou os alunos foram comigo até o ponto do ônibus que ficava, que ficava ali no Parque das Crianças e só foram embora quando peguei o Antônio Sales. Na verdade, eu ia pra casa andando, mas não me deixaram ir.

A partir desse evento violento, eu comecei a ler e estudar sobre o tema: raça. O primeiro livro que eu comprei foi, “Raça, Conceitos e Preconceitos”, da série Princípios, da antiga Ática, ainda me lembro. A autora era Eliane Azevedo, uma obra que me ajudou muito. E eu fui lendo outras obras. Então esse foi uma experiência e um evento que me marca, me marca muito.

Outro evento que participei e que me marcou, desta vez, de uma forma positiva. E estou falando de ter participado do SENUN em 92. O que foi o SENUN? Foi o primeiro Seminário Nacional de Universitários Negros: I SENUN. Foi o primeiro e único. Neste seminário juntaram vários estudantes negros do Brasil. Ele aconteceu em salvador na Universidade Federal da Bahia – UFBA. Foram três dias maravilhosos. Conheci e assisti pela primeira vez a palestra do professor Kabegele Munanga. Foi um momento de muitas trocas, de aprendizados. O tema central do I SENUN era que Universidade queremos? Debatemos vários temas ligados a produção do conhecimento. Foram levantadas várias questões. Aquilo abriu a minha mente para um debate mais político dentro da universidade. Porque quando eu entrei no curso de ciências sociais da UFC, já entrei com uma consciência negra. E inicio umas discussões dentro do curso de ciências sociais. Então, a partir do I SENUN percebi não era o único a fazer certos questionamentos no curso. Esse seminário surge porque já um tempo os estudantes negros reivindicavam uma democratização dos currículos dos cursos. Trabalhar com autores negros. Conhecer a filosofia africana e os saberes



africanos e os produzidos na diáspora. Por isso, que foi criado esse seminário. Então foi uma experiência maravilhosa e fantástica, né.

Neste mesmo ano, olha que momento rico. Realizamos, em Fortaleza o seminário “Negrada Negada – o negro no Ceará. Em comemoração aos dez anos do Grucon que nasceu em 1982. Eu particularmente considero que há o movimento negro antes e o depois desse seminário. Esse seminário acontece em maio de 1992. Na verdade, foi antes do I Senun. No entanto, já apresenta alguns problemas da relação entre movimento negro e universidade.

Após longas conversas para realizar o seminário a UFC nos indica o auditório José Albano, no centro de humanidades. O problema é que o mesmo auditório estava em reforma. Todo empoeirado. Eles nos deram esse auditório, achando que a gente ia desistir. A gente limpou. No GRUCON tinha um amigo nosso que era eletricista. Ajeitou toda parte elétrica e as lâmpadas e o som funcionaram e o evento aconteceu. No primeiro dia, numa quarta-feira, discutimos o papel da mulher negra. Tivemos contato com o pessoal do Grupo Mãe Andresa do Maranhão. Vieram somar com as meninas daqui a mesa e foi uma ótima apresentação. Na quinta-feira, discutimos a questão religiosa. Na mesa tinha gente de Candomblé e dos Agentes de Pastoral Negros - APNs, que foi um grupo que surgiu a partir dos seminaristas, padres e religiosos negros da Igreja Católica. E o terceiro dia, a sexta-feira. A sexta-feira, onde discutimos o negro no Ceará. Esse tema foi dado pelo professor Eurípedes Funes. Ele foi importante porque, pela primeira vez, nós fomos apresentados a nova história da escravidão. No caso específico, eu particularmente. A nova história da escravidão abriu meus horizontes e me mostrou que era possível falar do passado do povo negro, a partir dos documentos. Até então, eu e várias pessoas do movimento, na época, achávamos que era impossível escrever a história do negro, porque o Rui Barbosa tinha queimado a documentação. De repente, Eurípedes começa a falar, a partir de uma documentação, Eurípedes chega no segundo semestre de 86.

É a partir desse momento que, a gente começa a se aproximar. Primeiro o Funes, começa a se aproximar, na época, dos APNs (Agentes Pastorais Negros). Logo depois ele se aproxima do Alex Ratts. E vão visitar a comunidade negra de Conceição dos Caetanos. E é lá que uma amizade com Alex nasce e a gente se encontra nesse evento em 92. Foi durante o 13 de maio 1992 que ocorreu esse evento.

Essa apresentação de Eurípedes realmente mexeu muito comigo. Eu fui enganado por um longo tempo achando que Rui Barbosa tinha queimado os documentos e impossível pesquisar sobre



a negrada no Ceará. Quando assisto a fala do Funes eu fiquei pensando: como pode isso? Quando terminou a palestra fui conversar com ele e me aproximei. A partir dali a gente começou uma amizade. Ele me indicava alguns livros e autores. Aos poucos eu ia me afastando das Ciências sociais, as produções das ciências sociais e naquele período em que eu entro no curso, 1987-2, as ciências sociais ainda era um curso de resistência ao regime militar. Era um curso marcadamente marxista e ligado à sociologia. E as ciências sociais não se limita a sociologia. Nas ciências sociais nos vemos sociologia, antropologia, ciência política e economia política. Mas havia um predomínio da sociologia, uma sociologia marxista. Não que o marxismo não possa tratar da questão racial. As obras de Guerreiro Ramos, Otavio Ianni, Florestan Fernandes, Carlos Hasenbalg revelam bem isso. Mas, o foco se limitava a questão de classe.

Essa sociologia enlatada<sup>6</sup> era o que a gente via durante o tempo em que estudava lá. Então, levando em consideração toda aquela conjuntura de luta contra a ditadura, havia uma visão que se tinha em relação as ações contra o sistema que passava a ser um modelo geral: na luta contra o opressor, você era rebelde ou era acomodado.

Essa visão durante um bom tempo esteve presente nas minhas análises. E de certa forma prejudicaram minha interpretação das lutas dos escravizados. Um dia estou lendo, o livro do Raimundo Girão, “Abolição no Ceará”, vejo um fato que é narrado por ele a partir de uma documentação. Tal fato, trata de um escravizado que pertenceu ao pai do José de Alencar, que saía sozinho lá da casa em Messejana e ia fazer compras na cidade de Fortaleza. E tudo isso, sozinho. Eu, nas minhas limitações, não conseguia entender por que ele não fugia. Ao mesmo tempo, eu entrava em crise porque eu não queria aceitar o que muitos militantes de esquerda. naquela época me diziam: “é porque às vezes tem que entender que o negro é escravo mesmo”. Havia uma tentativa de naturalizar a visão do negro como sinônimo de escravo.

Deste modo, preso a esses dois modelos de ações, tais práticas dos escravizados me levavam a achar que os mesmos durante o período escravista eram naturalmente acomodados. No entanto, me recusava a aceitar isso. Até que conversando com o Eurípedes, essa perspectiva foi questionada quando sou apresentado ao livro do João Reis e do Eduardo Silva, “Negociações e Conflitos”. Lendo

---

<sup>6</sup> "Sociologia enlatada" é um termo criado pelo sociólogo brasileiro Alberto Guerreiro Ramos para criticar a prática de aplicar teorias e modelos sociológicos estrangeiros, especialmente europeus e norte-americanos, a problemas sociais brasileiros sem levar em conta as especificidades e as particularidades do contexto nacional. Ramos defendia uma sociologia original e engajada com a realidade local, que analisasse as necessidades do Brasil de forma autônoma, em vez de simplesmente "traduzir" conceitos de fora. Guerreiro Ramos, Alberto (1957) *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editorial Andes.

essa obra, na verdade, fazendo leituras das pesquisas da nova história da escravidão, fui levado a refletir sobre os conceitos no tempo, eles muitas vezes têm significados diferentes e também são limitados. Desde modo, as lutas dos escravizados, eram marcadas por uma outra forma de resistência que era a da negociação. Nem sempre as ações dos escravizados era de rebeldia. Essa vinha, quando a negociação se esgotava. Aprendi muito.

Então, esses três eventos proporcionaram em mim experiências, cada um a seu modo, que me levaram a um processo de amadurecimento. O primeiro me levou a fazer uma reflexão sobre a questão de raça e pela primeira vez, conscientemente vivi e senti a grande violência do racismo. O segundo me fez passar pela experiência da importância da leitura, de um olhar crítico, da percepção do epistemicídio dentro da produção do conhecimento, do eurocentrismo. E o outro, a experiência com o Eurípedes, nesse seminário, que foi o início da minha busca em entender, conhecer e divulgar a cultura negra no Ceará.

É a partir deste momento. Eu sempre digo, e repito novamente aqui, existe o movimento negro no Ceará antes e depois desse seminário Negrada Negada, que ocorreu em maio de 1992 na UFC. Foi um evento que, ele todo deixou marcas profundas. No último dia, onde celebramos, isso acontece no sábado, até hoje está na memória: houve a festa nossa, que chamamos de Kizomba da lua.

A gente conseguiu a quadra do céu. A festa começou oito da noite e encerrou, eram umas três ou três e meia da manhã. Nesta festa, rolou reggae, afoxé, batuques e outros sons negros. Grande parte do som foi ao vivo, com bandas: se apresentaram a Banda de Reggae Rebel Lions (ela estava começando), o grupo afro que criamos o Kalunga Mbanza (o Grucon). Também cantou e declamou seus poemas, o Luís Axé. E depois foi liberado, na época, aquelas fitas cassetes com reggae, que embalou até as três e meia da manhã. Foi muito bom. Lembro que estava caminhando pela av. da Universidade, cheio de energia ainda, indo para casa e vendo o dia amanhecer.

### **3 Como você começou a desenvolver suas pesquisas relacionadas a questão racial no Ceará? Fale um pouco do seu livro “Catirina, minha nega”.**

Bom, a minha experiência como pesquisador com a questão negra, começa a partir do momento que eu descubro que era possível pesquisar a história do (no) negro no Ceará, com documentos históricos. Uma pesquisa histórica. E isso foi revelado, tornou possível, ao assistir à palestra do professor Eurípedes Funes no seminário Negrada negada.



No entanto, antes, quando eu estava nas Ciências Sociais, eu pensava em pesquisar e discutir o movimento negro no Ceará. E aí comecei a fazer algumas leituras. Eu tinha muitos embates políticos com o movimento de esquerda, principalmente depois da vitória do PT em 1985. Fortaleza foi a primeira capital do Brasil a ter a primeira prefeitura do Partido dos Trabalhadores. Fortaleza, nessa época, ficou cheia de militantes, militantes de várias tendências. Quando você lê, por exemplo, os livros sobre a guerrilha do Araguaia, sobre a repressão, essa galera estava toda aqui, tipo MR8, Polipo, Partido Revolucionário Operário, LIBELU: Liberdade e Luta. Então, eram essas tendências que você encontrava dentro, principalmente dos cursos de ciências sociais, história e da filosofia. Era o que a gente vivenciava dentro do movimento estudantil, principalmente, e dos movimentos sociais. E aí, nessa conjuntura, a gente puxava os embates dentro da Universidade – havia uma grande dificuldade em entender a relação dialética entre raça/classe. Havia uma predominância e influência grande das tendências e dos partidos políticos de esquerda. Como falei acima, nós estamos discorrendo aqui, de um momento em que ocorria a transição do regime militar para uma democracia.

A universidade era lotada dessa galera. E, a fala que permanecia era aquela do discurso de classe. E a gente ia para o debate. Eu principalmente. Sou movido a paixão. E a consciência negra, a luta contra o racismo me tomava. Eu me recusava a aceitar a naturalização da dominação do povo negro. Ia para os debates, apanhava. Ia ler, voltava e batia. Assim fui conquistando espaço e respeito entre os militantes de esquerda dos movimentos sociais e partidos.

Nesse período também, juntamente com essa galera que veio para a festa da posse da Maria Luiza, fui tendo contato com uma negrada de outros Estados ligada ao PT. Estes me passaram uns jornais da Comissão dos Negros do PT. Então, fazendo essa leitura, vou sendo introduzido a uma visão nova sobre o povo negro no Brasil. Uma visão nova da sociologia. Autores como Clóvis Moura, foi me apresentado (durante um tempo li muito ele), Florestan Fernandes, livro “O protesto negro”. Essas leituras iam me dando conhecimento para ir para o debate teórico com a galera da esquerda partidária. Vou aprendendo como se dá a relação entre raça/classe. Essa formação me ajudou muito. Me fortaleceu para continuar o debate com a esquerda branca que estava aqui presente. Continuo recebendo esses jornais e os distribuo entre meus irmãos e outros negros do bairro onde a gente morava – já que tinha criado um núcleo do Grucon no bairro da Piedade. Por causa da nossa militância e atuação no bairro, chamamos a atenção do PT. Algumas figuras do

partido começaram a olhar com cuidado pra nós, pois éramos uma forte referencias neste bairro – e estou falando não só o grucon, mas todos, incluindo aqueles que estavam nos grupos de jovens.

Algumas tendências do PT, tentaram nos cooptar, mas a gente sempre foi independente. Tivemos a sorte de termos bons orientadores. De um lado, espiritualmente a Tia Rita e do outro, o seminarista, intelectual e hoje padre Almir Magalhães. Essa foi uma das coisas que eu sempre falava com os meninos (nas vezes que nos encontrávamos) é que nós tivemos orientadores, tanto espirituais como políticos, muito bons. Nos educaram numa perspectiva de sermos independentes. Então, diante disso, essa galera chegava, a gente brincava muito. Nós éramos, acho que ainda somos também, um grupo de militantes que aparentemente não levávamos muito a sério certas posturas e aí, alguns representantes de correntes políticas, todos meios formais, se chateavam e saiam com raiva. Na verdade, eles nos subestimavam, porque a gente era muito moleque. E isso os deixavam meio chateados, porque queriam levar uma reunião séria, e a gente, na brincadeira. Ali estávamos fazendo o nosso jogo político. E aí, não era qualquer tendência (uma galera muito séria) que ia procurar os moleques da Piedade, mas sempre estávamos de olho. A gente tinha uma inserção muito política, muito forte no bairro da Piedade. Para vocês terem uma ideia, o João Alfredo, na época, a primeira vez que ele se candidatou a deputado, nos disseram que ele teve mais votos no bairro da Piedade que na cidade onde ele nasceu. Então, foi um grupo que começou a tentar se adaptar para tentar nos cooptar. Nessa brincadeirinha, um grupo conseguiu se aproximar e consegue ir filiando as pessoas. Eu sempre fui uma pessoa desconfiada, tanto que eu fui o último da turma toda a me filiar ao PT. O último a se filiar e o primeiro a sair.

A gente tinha muitos desses debates, esses debates políticos e havia tentativas enormes de desqualificar o movimento negro em nome da luta de classe e tudo. Na busca de leituras para o meu projeto de pesquisa nas ciências sociais, dou de cara com o livro “Abolição do Ceará” do velho Raimundo Girão. Como falo acima, tenho contato com aquela narrativa do escravizado do pai do José de Alencar e que me deixa em crise profunda. Minha análise ainda era influenciada pela aquela visão do rebelde e acomodado. Até que isso muda quando numa conversa com o Eurípedes, sou apresentado a esse livro, “Negociações e Conflitos”, e uma terceira via me é revelada. A partir deste momento meu universo amplia. E resolvo fazer meu mestrado na História.

Não é à toa, por causa desse livro, que o meu primeiro projeto de mestrado era eu discutir as ações dos negros cearenses por espaços de liberdade. Então, eu queria discutir isso. E eu entro no mestrado com essa, vamos dizer, com essa proposta. Porém, antes, dialogando com o Eurípedes, eu



começo a fazer pesquisa. Eu fico lá enfurnado no arquivo público do Estado do Ceará, levando surras e mais surras para ler aqueles documentos do séc. XIX. Vinha o sono e lá vai eu tomar café. Até que aos poucos vou me adaptando, vou pegando gosto e a documentação vai me mostrando uma fortaleza negra que eu não imaginava. E isso vai me levando a ter mais gosto. Então, eu vou construindo esse projeto.

Inicialmente, meu objetivo era fazer o mestrado na Bahia, na UFBA. Tento duas vezes e não consigo entrar. A primeira vez que eu tento aqui, consigo passar. Eu entro no mestrado de História da UFC. Fiquei muito contente. Eurípides torna-se meu orientador e depois de um ano no mestrado, eu sou convidado pelo programa PROCAD<sup>7</sup> – um programa de parceria entre vários cursos de História que discute escravidão, são elas a UFBA, a Unicamp, a Universidade Federal do Ceará, e aí eu sou convidado a ir para a Unicamp. Relutei, porque tinha acabado de passar no concurso do Estado e fui chamado. Estava dando aula no Liceu e no final do ano, sou chamado de novo, e aí o Eurípedes ficou olhando para mim, assim, você vai...aí chutei o pau da barraca e fui. Apresento o meu trabalho no grupo de estudo do curso de história da Unicamp. Estava encantado, porque de um lado eu olhava estava sentado o Sidney Chalhoub, do outro eu olhava o Robert Slenes, do outro eu olhava via a Silvia Lara. Num outro momento estava almoçando, eu e o Eurípedes, e na época o ex-marido da Marilena Chauí, o historiador estadunidense, Michael Hall. Foi uma experiência bastante rica. Quando eu apresento o meu trabalho, o Bob, o Robert Slenes, se vira para mim e me pergunta se eu gostaria de trabalhar com o tráfico interno. Na hora, sem pensar respondo, gostaria. Ele olha pra mim e diz: pois passe amanhã na minha sala que a gente conversa. No outro dia, lá estava eu conversando com o Robert Slenes. E a primeira coisa que ele falou para mim era que não tinha nenhum trabalho feito ainda, sobre essa temática. No momento veio à mente a Maysa cantando: meu mando caiu. E eu me desesperei, mas segurei a onda. Externamente, não transparecia nenhum comportamento desesperador. E fiquei firme ouvindo. Depois, fui me acalmando. Fui percebendo que toda a documentação que eu tinha estava dentro desse tema geral, que era o tráfico interno. Ele ao ler meu projeto tinha percebido isso.

Então eu volto da Unicamp, com o meu tema, vamos dizer, colocado no trilho, onde os vagões agora estão organizados. Fui orientado por ele a pesquisar no centro de memória da Unicamp, tive acesso a um livro de compra e vendas de escravos, de meia cisa, e tudo começou a dar certo. E

<sup>7</sup> PROCAD, projeto que envolvia a UNICAMP, UFC e UFBA.

eu fiz um bom trabalho. Defendi uma dissertação, onde eu discuto, naquele momento, era o primeiro trabalho que discutia o tráfico interno, do lugar de partida do cativo. Depois, começam aparecer outras pesquisas com a mesma temática, só que de outras regiões como é o caso do Rio Grande do Sul, e hoje o debate sobre o tráfico interno já está mais consolidado.

**4 Como você percebe os estudos sobre a população negra no Ceará hoje? Se puder cite algumas questões que você considera fundamentais para a pesquisa sobre a história da população negra no Ceará?**

Bom, a minha visão sobre a pesquisa sobre a população negra no Ceará é a seguinte, eu penso que os trabalhos que existem dentro do mestrado e do doutorado de História da UFC são ótimos trabalhos, são excelentes trabalhos. No entanto, essas pesquisas elas não abarcam nem 0,1% do que deveria existir se houvesse um incentivo dos cursos pela pesquisa da população bem negra no Ceará. Então, eu penso que falta um incentivo em perceber a importância de pensar, no caso, parte dos professores e os cursos, a realidade cearense de uma perspectiva plural. Temos carência em termos de pesquisa sobre a religiosidade africana no séc. XVIII e XIX. Um balanço das formas de resistência negra e escravizada durante os séculos. As formas de lutas das mulheres negras. A relação entre angolanos e a população indígena. Reminiscências linguísticas africanas no Ceará. E aqui podemos entrar em várias áreas do conhecimento: sociologia, História, Linguística, Antropologia, Pedagogia, Ciência e outras.

Percebo que os cursos e a universidade, principalmente na atual conjuntura, dão um certo recuo, coisa que não acontecia na década de 90 e início do século XXI. Ou seja, aqueles professores que iniciaram o debate sobre as pesquisas negras, eles estão se aposentando e essa nova geração não está levando em consideração isso, ou seja, é uma nova geração que, para eles, o importante é continuar do jeito que era, porque foram formados dessa forma. Eu percebo isso dentro da Universidade Federal do Ceará. É claro, há resistência, mas o poder ainda se encontra dentro de uma perspectiva do epistemicídio, do eurocentrismo, que não é visto como um problema. E aí você acaba contribuindo para o apagamento histórico.

Quando você discute e pesquisa sobre as relações raciais no Ceará, você vai produzindo categorias. Eu penso que isso é muito interessante, é uma coisa que eu penso hoje e que estou fazendo isso na minha tese. Por exemplo, uma coisa é pesquisar e tratar sobre o **negro do Ceará**. Outra, é falar do negro no Ceará. Há uma grande diferença. Quando eu falo do negro no Ceará, eu



posso tratar de temas gerais e trazer para o Ceará. Como acontece em muitas pesquisas em alguns cursos que falam dos yorubas. Que falam do candomblé no Ceará. Só que o candomblé no Ceará e os Yorubas não predominaram aqui, enquanto grupo étnico e enquanto cultura. O que predominou aqui foi a cultura Bantu. Então, quando nós falamos **do negro do Ceará, nós estamos falando da identidade negra bantu, congo-angolana**, que nos aponta para outras possibilidades que estão materializadas no dia a dia, na linguagem do kibundo e do kikongo, nas manifestações culturais como o Maracatu, o Congo, a Congada, o Candomblé de Angola, na Umbanda. E aí você tem a possibilidade de trazer aqueles que foram invisibilizados para a história do Ceará. E retirá-los desse apagamento proposital.

## 5 Você poderia apontar pesquisas e autores(as) que foram/são fundamentais na sua formação enquanto pesquisador?

Sobre pesquisas e autores que foram fundamentais na minha formação, acho que ao longo das minhas falas eles estão presentes. Na primeira, na segunda e terceira questão eles estão ali citados. O livro "Negociações e Conflitos", do João Reis. Inicialmente, O livro Sociologia do Negro Brasileiro, do Clóvis Moura. Depois, vêm os trabalhos, por exemplo, do Robert Slenes, o texto "O que Rui Barbosa não queimou", esse texto teve um impacto muito grande em mim e o livro, "Na Senzala, Uma Flor". O outro foi a obra do Sidney Chalhoub, "Visões da Liberdade". Então, juntando dentro de uma lógica que me ajudou a montar o meu projeto inicial, o Eduardo Silva e João Reis, "Negociações e conflitos", "Visões da Liberdade", Sidney Chalhoub, "Na Senzala uma Flor". Por que na senzala uma flor? É porque, num dado momento, o Slenes traz uma metodologia de perceber nas ações dos escravizados manifestações da cultura africana. Isso me influenciou muito no caso de notar na resistência ao tráfico, em se recusar a ser vendido, uma questão do pertencimento. Algo que é muito, muito vivo entre os povos Bantus. A questão da cultura, a questão do pertencimento, da família. Isso até hoje é presente dentro dos terreiros de candomblé.

Então, quanto ao Clóvis Moura é um lance da militância, a crítica à produção do conhecimento. Uma produção eurocêntrica, principalmente. Daí, obras como "Os Quilombos e a Rebelião Negra" e a "Sociologia do Negro Brasileiro", quando comecei a ler este livro, estava na época na disciplina de Antropologia cultural, nas Ciências Sociais. Muitos temas discutidos em sala eram trabalhados no livro. Na época, o professor nos indicou para ler o "Cultura Brasileira e Identidade nacional" do sociólogo Renato Ortiz. Discutímos o pós-abolição, esse debate da



identidade nacional. Essa obra do Clóvis Moura, que foi lançado em 1988, complementava as leituras sobre o pós-abolição que estava na obra do Renato Ortiz. Então, foram esses os autores e livros que me influenciaram.

#### **6 Poderia citar ou descrever um projeto de pesquisa que você considera especialmente significativo para a defesa da memória e da cidadania negra no Ceará?**

Olha, na atual circunstância em que a gente está, ou seja, num estado onde a produção do conhecimento permanece eurocêntrica, onde temos naturalizado uma política de apagamento histórico, de epistemicídio e o silenciamento também sobre os povos indígenas e sobre a negritude, não dá para escolher um projeto de pesquisa único. Eu penso que (meu pai dizia: ninguém não pode falar daquilo que não viveu) ... então vou falar daqueles que conheço e me deixaram encantados. Coincidência ou não, esses trabalhos são os dos meus amigos e o meu. Falo das pesquisas da Juliana Linhares, do Joffre Teófilo, a minha dissertação sobre o Tráfico Interprovincial, do Janote Pires, que trata das “Festas de negros em Fortaleza”. A tese do Jofre, e o trabalho do Raimundo Rodrigues, do Eylo Fagner também. Penso que todos esses trabalhos são importantíssimos. Por quê? Porque todas essas pessoas que eu citei são grandes pesquisadores. Porque aqui não estamos falando de fazer qualquer trabalho de pesquisa sobre a questão negra. Estamos citando trabalhos de pesquisa com pessoas competentes, que desenvolveram uma pesquisa que mostra essa dinâmica da vida social. Na qual essa diversidade desses grupos racializados estão inseridos. E essas pessoas, são pessoas sérias que desenvolveram suas pesquisas numa perspectiva séria, tanto as suas dissertações como as suas teses. Então, estas pesquisas e tantas outras como da professora Ana Sara Cortez, Maria Yasmim, João do Cumbe, Josy Cordeiro, Franck Ribard, Arilson dos Santos, Leandro Bulhões e outras que estão por lá no departamento de História. Estas são pesquisas de uma importância ímpar para a memória negra no Ceará. E eu defendo, como trabalhos fundamentais, pelo simples fato dessa negação absoluta, desse silêncio proposital sobre a história, a cultura, a religiosidade negra no Ceará existir.

#### **7 Como você percebe a relação entre a pesquisa acadêmica e a ação prática antirracista de professores/pesquisadores?**

Bom, essa pergunta da relação prática entre a política antirracista e pesquisadores e professores, ela é complicada porque, por exemplo, há trabalhos que foram feitos com o objetivo de



ganhar um título. A ação antirracista, está pautada numa postura política do pesquisador e do professor, que não se encerra na pesquisa. Há trabalhos de pesquisas de pessoas que eu conheço, que tem alguns problemas que é muito usado em outros trabalhos, tem alguns problemas que eu percebo, pela minha inserção enquanto ativista político, e por perceber que a pessoa só fez aquele trabalho sobre o movimento negro, e ali encerrou. No entanto, na escola onde trabalha, as pessoas falam que o mesmo não se manifesta, não tem uma postura de construir um trabalho dentro da escola. Então, é complexo porque também exige uma postura por parte do professor e do pesquisador de compreensão da violência do racismo e dá opção mesmo de combater, de fortalecer a frente de luta contra o racismo. Nem todo mundo está “afim”. Nem todo mundo. Já outros, sim. Então, eu estou me lembrando aqui daquele poema do Bertolt Brecht. Há homens que lutam um dia, esses são legais. Há outros que lutam durante meses. Esses são bons. No entanto, há aqueles que lutam toda a vida, esses são imprescindíveis. Eu passo a responder essa pergunta, essa questão, dentro dessa perspectiva. A gente vai encontrar isso dentro das pesquisas e dentro da sala de aula.

## **8 Quais são os principais desafios que você enfrenta ao pesquisar e divulgar a história da população negra no Ceará?**

Essa pergunta é interessante, né? Já foi até tema de um seminário que eu participei. Os principais desafios são justamente a produção cultural que vem sendo divulgada, que preenche o imaginário coletivo do cearense e que está baseada na negação da existência de negros, haja vista as constantes falas que não tem negro no Ceará. A sutil política de negação do protagonismo negro se materializa nessa narrativa do 25 de março, quando a libertação é dada para um grupo de jovens brancos de classe média. É construído um discurso da representatividade, no qual eles, são os protagonistas. Trazem entre eles um negro, que nem Jangadeiro era (mas não quer dizer que ele não tenha lutado) mas que na narrativa produzida por eles, passa a ser. O chico da Matilde é usado dentro de uma narrativa para justificar esse projeto dito “Abolicionista”, no entanto, na minha concepção, é um projeto político racial, que se aproxima muito mais da política de embranquecimento desenvolvida na segunda metade do séc. XIX.

Então, o maior desafio é que essa narrativa construiu nos corações e mentes do cearense um sentimento quase ufanista. Só não é ufanista porque o ufanismo está ligado ao nacionalismo, mas um sentimento de orgulho exacerbado e de pertencimento. Entendo, para o cearense, principalmente o cearense informado, ele não quer saber se a abolição aconteceu ou não. O que importa para ele é que



o fato (a ideia da primeira província “a libertar os escravizados”), colocou o Ceará na história do Brasil. Com isso, rompe-se, dentro do imaginário do século XIX e início do século XX, aquela ideia que se tinha do nordestino, filho da seca, pobre, menino do “buchão”, que comia calango. E automaticamente essa narrativa, traz o papel dos heróis brancos, numa perspectiva do herói do Ceará, a Terra da Luz, trazendo uma outra perspectiva, fortalecendo esse imaginário. Então, essa construção social desse imaginário, ela é muito forte, muito forte mesmo. Porque, como eu falei, essa narrativa se encontra dentro do nosso imaginário e é alimentada por um orgulho exagerado de uma cearensidade. No entanto, há um esvaziamento do debate sobre as relações raciais dentro da esquerda e isso faz com que se encontre defensores, desta narrativa que não liga e nem quer perceber um projeto político racial de embranquecimento da cultura cearense, tanto no campo da direita, quanto na esquerda. Portanto, vivemos quase uma unanimidade em relação a defesa de que houve uma abolição da escravidão no dia 25 de março.

Assim sendo, a gente encontra resistência nesse aspecto, porque aqui, há uma manipulação do imaginário. Podemos ver isso de forma óbvia, é só observar a cidade. Nós temos o Palácio da Abolição, a Avenida da Abolição, você tem os hotéis da Abolição, o centro Dragão do Mar, sendo utilizado. No entanto, se esquecem, por exemplo, do José Napoleão, que era o Jangadeiro. Então, há todo um trabalho, de fortalecimento de um discurso da branquitude. Sem falar, fruto de toda uma formação do racismo estrutural e do epistemicídio que está aliado ao racismo institucional, você tem o governo, os gestores que não levam em consideração essa questão da Lei 10.639/03, e da importância da cultura africana. Então, nós encontramos essas barreiras e que são barreiras fortes que revelam a naturalização do racismo no Ceará.

## **9 Como você acredita que a memória histórica pode ser utilizada para promover a resistência e a construção da cidadania negra no Brasil?**

Bom, eu penso que a memória histórica, ela pode trazer várias contribuições no sentido da condição da identidade, das reparações históricas. Porque, na medida em que você traz todo um trabalho que foi feito no passado e que é silenciado no presente, você está dando aos descendentes daquelas pessoas que lutaram no passado uma satisfação e um orgulho. Então, assim, hoje eu estava especificamente numa escola falando sobre a cultura bantu, né? E eu falava para uma menina negra que me fez uma pergunta que possivelmente ela, eu não podia afirmar, mas, possivelmente ela e a família dela descendiam dessa cultura congo angolana. Ela sorriu e outra criança negra, começou a



escrever e fez um desenho de uma mulher negra e me deu. Então, numa realidade em que há toda uma negação da nossa existência, uma memória que trabalhe de forma positiva a presença da África, uma memória que trabalhe a resistência, uma memória que trabalhe os conhecimentos, os saberes, os fazeres deste povo que é negado, dá uma grande contribuição.

O caso específico do Ceará, no quesito reparação. O meu trabalho sobre o “Tráfico interno de pessoas escravizadas”, a venda de cativos para o Rio de Janeiro, num dado momento, em impostos, a província do Ceará recebia 6% com a venda de cativos. Os impostos pagos na venda desses cativos foram altos. Todos, menos o povo negro, lucraram com a venda dos cativos no séc. XIX. Isso poderia ser pensado, do ponto de vista da organização do movimento negro, uma reparação histórica. Uma reparação histórica para a população negra e quilombola do estado.

No entanto, um outro ponto fundamental diante da realidade violenta do racismo que vivemos, seria a autoestima. Com as pesquisas e esse momento de reelaboração da história negra no Estado do Ceará. Estaríamos dando a uma geração, ao trazer as várias formas de resistência e produção de saberes que estes criaram, um forte sentimento de autoestima. Porque, na medida em que existe o silêncio sobre nossas lutas, há o fortalecimento do racismo, há o fortalecimento de uma memória de inferiorização dessa população. Então, quando você tem essa reelaboração da história, que apresenta reis, rainhas que, na condição social, não natural de escravizados existiram. E existiram porque foram sequestrados dos seus reinos para cá e no processo para nos dominar modificaram terminologias para fortalecer a produção do conhecimento racista, por exemplo: a substituição de termos como reinos, de grupos humanos, por tribo. A pesquisa rompe com esse saber racista. Temos que mostrar como os africanos viviam em seus reinos.

Mostrar o papel da mulher, como a Rainha Ginga e de tantas outras rainhas do continente africano nos seus reinos, revelando que grande parte do continente era urbano, que uma parte pequena desse continente havia florestas, isso vai enriquecer a autoestima dessa população que durante séculos foi inferiorizada. Intencionalmente, por uma política de racismo.

## **10 Quais são suas esperanças e visões para o futuro do movimento negro e da pesquisa histórica no Ceará e no Brasil como um todo?**

Essa é uma questão complicada, mas nós temos que ser otimistas, né? E, no caso específico do Ceará, nós temos que convencer as pessoas a criar interesse pela pesquisa da população negra. Eu sou um incansável ativista. Acredito muito na formação. Estou sempre presente quando sou



convidado para uma conversa. Me chamam para colégios, para faculdade. E eu vou sempre para debater. Eu penso que isso é importante. Então, eu acredito que essas novas tecnologias, como IA, essa situação que a gente vive no país hoje, alimenta a desinformação. E isso contribui para o fortalecimento do racismo. Assisti um documentário que me deixou bastante preocupado, se chama, "Dilema das Redes Sociais". Ele nos revela que continua bastante vivo o projeto que beneficia a classe dominante branca e rica. Esse projeto é o de imbecilização das pessoas que hoje, são condicionadas a não leem mais e a passarem o tempo todo presa nas redes sociais. Um povo ignorante é um povo que crer em qualquer coisa, até em “mamadeira de piroca” e “reza para pneu”. No entanto, um povo que ler e conhece sua realidade, produzirá a resistência. Porque, enquanto existir a opressão, haverá resistência. Eu acredito muito nisso. E o que vai mudar, ou melhorar, é o saber usar e se apropriar dessas tecnologias e utilizá-la para produzir resistência. Assim eu espero. Mas quem produz a pesquisa é o ser humano. Temos que convencer pessoas a desenvolver essas pesquisas. Eu vejo em outros estados um crescimento dessa pesquisa sobre a questão negra entendeu com essa nova tecnologia, por exemplo, eu vi um trabalho no Rio de Janeiro, na UFRJ, eu creio ou era na Fluminense, onde a partir da documentação foi construído o rosto de escravizados. Tudo isso a partir das informações do documento. Com os dados do documento, foram houve um cruzamento com a IA e foi se formando o rosto de vários cativos. Eu tenho, por exemplo, livros de passaportes, onde era exigido para que os cativos fossem de uma região para outra, da província ou fora dela, e na própria descrição é exigido, todas as características dos cativos. Quem sabe, um dia, a gente possa ter a mesma tecnologia que essa faculdade no Rio de Janeiro teve acesso e possamos construir um perfil desses cativos. Então, eu vejo com bons olhos, sabe? No entanto, é preciso convencer diante de uma realidade marcada, por tecnologias onde as pessoas, ao invés de usar a tecnologia para somar o seu aprendizado, às vezes está deixando a tecnologia dominar as pessoas. E isso é perigoso.

Recebido em 11 de dezembro de 2025.

Aceito em 14 de dezembro de 2025.

Publicado em 20 de dezembro de 2025.